

CADERNOS AA

RELATOS E IMAGENS DA CRACOLÂNDIA: MODOS DE VIDA E RESISTÊNCIA NA RUA

Thiago Godoi Calil¹
FSP-USP, São Paulo, Brasil

Registra-se neste ensaio, uma narrativa visual de fragmentos da vida na “cracolândia” em São Paulo. Esta narrativa é composta por desenhos, executados por diferentes ilustradores, tendo por fonte de inspiração o trabalho de campo realizado neste território.

Palavras-chave: ambiente, cracolândia, uso de drogas, antropologia, desenho, cotidiano

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema deste ensaio surgiu a partir de estudos na área das drogas e durante o trabalho de campo realizado a partir de 2004 na região denominada “cracolândia”, no bairro da Luz, centro de São Paulo.² A partir da contribuição etnográfica apresento trechos relevantes desta pesquisa descritivo-exploratória, em texto e imagens, que visam investigar a relação entre saúde e ambiente. Apesar de atuar na região do bairro da Luz desde 2004 como redutor de danos pelo Centro de Convivência ‘É de Lei’³, considere importante me aproximar do cotidiano deste território. Para isso frequentei a região por oito dias e oito noites consecutivas, além de noites isoladas, num quarto de pensão, durante o ano de 2014 e início de 2015.

1 Contato: thiguito@hotmail.com. Este ensaio é produto da dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo em setembro de 2015 (“Condições do lugar: Relações entre saúde e ambiente para pessoas que usam crack no bairro da Luz, especificamente na região denominada cracolândia”), orientado por Rubens de Camargo Ferreira Adorno.

2 Não se tem clareza da origem do termo ‘cracolândia’. Apesar de as pessoas que usam drogas se apropriarem do termo, e em alguns momentos fazerem referência à Disneylândia, uma matéria de jornal de 1995 já utilizava o termo. <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19950807-37182-nac-0015-cid-c3-not/busca/Cracol%C3%A2ndia>.

3 Instituição que atua na perspectiva da Redução de Danos pensando alternativas de cuidado com pessoas que usam drogas desde 1998. Atuo como redutor de danos desde 2004 na cracolândia. Centro de Convivência É de Lei – www.edelei.org

A ideia de permanecer alguns dias no território provocava sentimentos dúbios. Apesar da ambiguidade, encarei o desafio. E como num ato decisivo de ‘pular de paraquedas’, foi assim que entrei em campo. De repente estava na rua, sozinho, e confortavelmente sendo acolhido por pessoas que me reconheciam. A aproximação etnográfica possibilitou amplo contato com a cultura local, proporcionando um “mergulho profundo e prolongado na vida cotidiana desses outros que queremos apreender e compreender” (Uriarte 2012:04). Além das observações decorrentes da imersão no campo, optei pelo uso de imagens.

Fotos sempre representaram um problema na cracolândia. Frequentemente o Centro de Convivência ‘É de Lei’ recebe propostas de fotógrafos ou jornalistas, no sentido de facilitar a obtenção de imagens da cracolândia por meio da ‘entrada’ que temos no campo. Porém, com o passar dos anos é perceptível um certo receio coletivo que evidencia uma regra local: fotos não são bem-vindas na cracolândia. Este incômodo em relação a fotografias aparece por diversos motivos, seja pela preservação do anonimato, pela presença de foragidos ao sistema penitenciário, por vergonha, por práticas ilegais, entre outros.

Assim, optei pelo uso de desenhos, que foram desenvolvidos a partir dos relatórios etnográficos e da comunicação com os desenhistas convidados. A aproximação com os desenhistas aconteceu de forma bastante variada. Marcelo Maffei, por ser amigo desde a adolescência, foi o primeiro. A partir de uma experimentação inicial com somente um desenhista, avalei a potência e riqueza de diferentes olhares na produção das imagens. Para isso, convidei outros desenhistas. Cada um, com seu traço e linguagem, colaborou na criação de imagens e representações. Alguns foram convidados por eu já conhecer o trabalho, outros chegaram por indicações de Maffei ou de encontros que, surpreendentemente, surgiram no momento certo. Todos compreenderam a proposta do trabalho e aceitaram prontamente encarar este desafio⁴.

Este contato com os desenhistas me instigou a desenhar. Os rabiscos no caderno e o aprofundamento no estudo da utilização de imagens para além de meras ilustrações foi dando forma à ideia de inserir também desenhos meus no corpo do texto. Sendo assim, celebrando minha iniciação na produção de desenhos como elementos do campo, em uma atitude autobiográfica (Kuschnir 2012), me coloco também nesta pesquisa por meio de imagens ao desenhar os objetos da cracolândia.

A intenção é estimular o imaginário, e os desenhos são capazes de fazer emergir novas camadas de informação, um material pleno de significados produzidos a partir da interação entre pesquisador, desenhistas e contexto. (Kuschnir 2014). Vale ressaltar que os desenhos aqui utilizados são dados secundários, afinal foram produzidos posteriormente ao trabalho de campo. Sendo assim, com caráter interpretativo, os desenhos visam ampliar as representações possíveis sobre a realidade local.

Assim, este ensaio visual compreende um conjunto de relatos e desenhos que ilustram situações cotidianas observadas durante trabalho de campo. São episódios, fragmentos de vozes dos interlocutores e de pensamentos variados, que explicitam a diversidade das manifestações de vida neste espaço urbano.

4 Como valorização da linguagem visual, fizemos um acordo padrão com os desenhistas para remuneração dos desenhos.

ONDE A VIDA É VIVIDA

A obscuridade da gramática e da lei! Os dicionários só são considerados fontes fáceis de completo saber pelos que nunca os folhearam. Abri o primeiro, abri o segundo, abri dez, vinte enciclopedias, manuseei infolios especiais de curiosidade. A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas, por onde se anda nas povoações...

Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um ator de vida das cidades, a rua tem alma! Em Benarés ou em Amsterdam, em Londres ou em Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos mediócrs, dos infelizes, dos miseráveis da arte.

João do Rio, "A rua", publicado em 1905 na Gazeta do Rio de Janeiro. A alma encantadora das ruas (1997:47).

O bairro da Luz é muito mais do que a ideia de 'cracolândia' que permeia o imaginário público. Sim, o crack está ali, mas este espaço certamente não é composto exclusivamente pelo uso desta substância. Trata-se de um lugar vivo, onde valores, emoções e negociações de todo tipo transbordam pela vida cotidiana, que acontece invisível para grande parte dos habitantes da cidade de São Paulo.

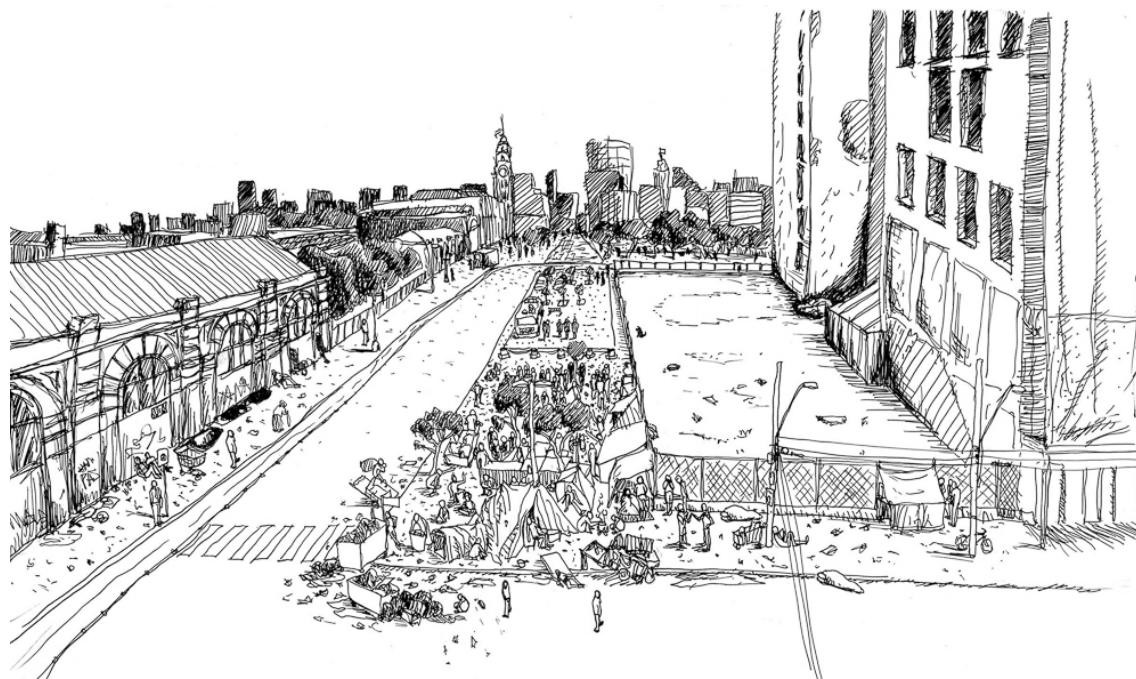


Figura 1. O fluxo na cracolândia no início de 2015, na esquina das ruas Cleveland e Helvetia. Desenho por Marcelo Maffei.

Hoje lá estava eu, de volta na cracolândia. No mundo da cracolândia. Fiquei pensando o que acontecia em outros pontos da cidade enquanto eu estava ali. Foram algumas horas, andando e conversando em um curto espaço na rua. Tudo parece acontecer na rua. As pessoas andam de um lado para outro. Cada um resolvendo as suas questões, "fazendo o seu corre". Quatro pessoas fazem um samba na esquina oposta, Robertinha⁵ joga

5 Realizamos trabalho de campo juntos pelo Centro de Convivência E de Lei entre 2013 e 2015.

Capoeira com outro rapaz, e eu observo o cozinheiro que não está para muito papo. Ele parece concentrado na cozinha, caçando ingredientes, mantendo o fogo aceso e dando goles de barrigudinha (cachaça). Joga na única panela o resto de vários pacotes de macarrão, 2 cebolas pequenas inteiras e um resto de pimenta e tempero em pó. Tudo parece estar acabando. O fogo é alto, queima-se tudo: madeira, panos, plástico, o que vier, e logo aparece um cheiro leve de comida.

No passar dos olhos, na rua vejo música, fogueira, capoeira e comida. Ouço também risadas. Bastante vida para uma noite fria do meio de abril na cracolândia. A lâmpada queimada do poste de luz deixa o lugar escuro somente à luz o fogo. Do outro lado da rua, como um detalhe, percebo que algumas pessoas estão sentadas e encostadas no muro pelo acender dos isqueiros. (Diário de campo, 18 de abril de 2013.)

SOBREVIVÊNCIA CRIATIVA



Figura 2. Luiz e a carroça. Desenho por Marcelo Maffei.

À margem do mercado formal de trabalho, Luiz faz arranjos competentes para a realização de uma prática marginal que exige certo grau de conhecimento e especialização. Com uma ótima leitura da cidade que localiza contatos e desenha trajetos, Luiz organizadamente vivencia práticas que garantem recursos para seu sustento na rua. Durante a realização da prática de

reciclagem, o uso de crack foi apenas um detalhe no modo de expressar-se e relacionar-se com as pessoas e a cidade.

Hoje a reciclagem é minha vida. Não largo isso. Não dependo de ninguém e não quero depender de alguém. É engraçado, as pessoas leigas acham que não fazemos mais nada. Eu faço o meu corre. Pode ser de graça, mas eu que fui atrás e consegui. (Diário de campo – Luiz, 8 de julho de 2014).

OBJETOS DA CRACOLÂNDIA

A falta de um local fixo e a necessidade de circulação diária faz com que as pessoas não possuam muitos bens materiais. Carrega-se o que é possível transportar junto ao corpo. Considerando raras exceções, muitas pessoas que frequentam a cracolândia possuem algum dos objetos presentes nesta ilustração. Cachimbo, isqueiro, cigarro, cachaça, lâmina - para a partilha da pedra de crack - e a cinza de cigarro, que é armazenada em embalagens variadas para auxiliar na queima do crack.



Figura 3. Objetos comuns na cracolândia. Desenho por Thiago Calil.

TUDO PODE ACONTECER E NADA É INDISCUTÍVEL

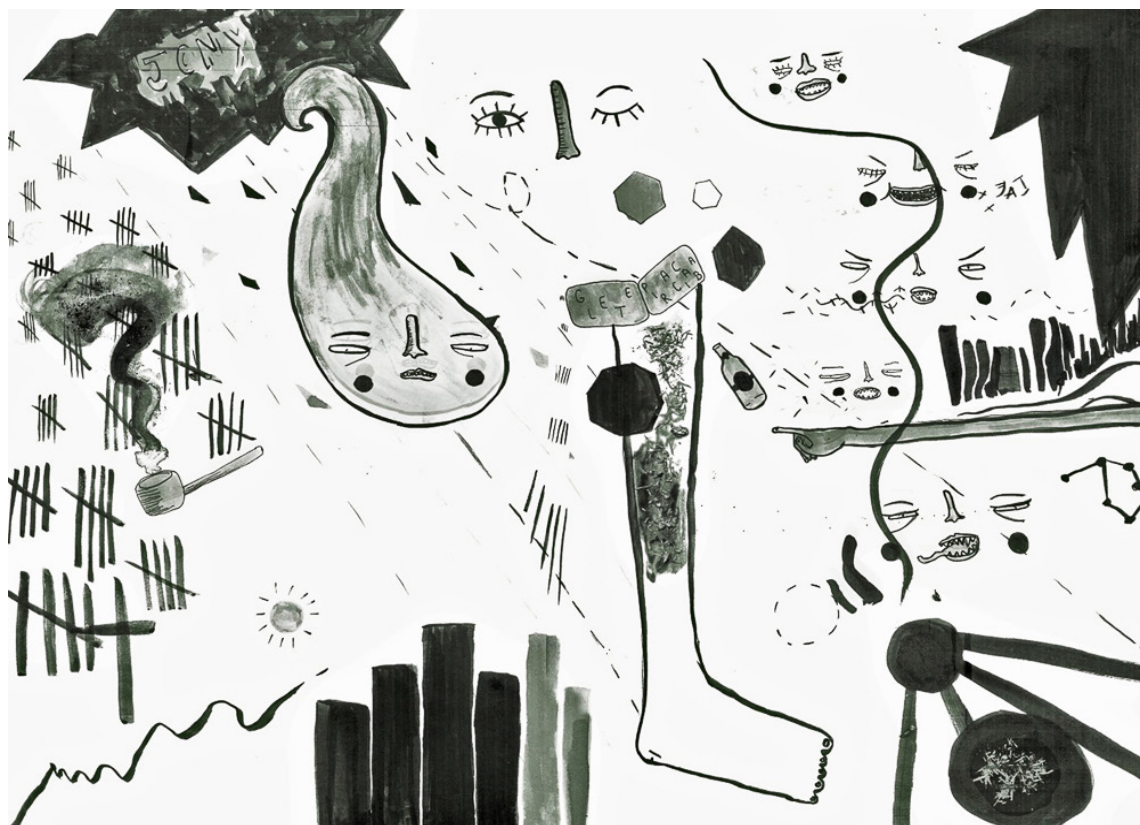


Figura 4. As questões de Jony. Desenho por Sefora Rios.

Estávamos próximo ao fluxo na Rua Barão de Piracicaba, esquina com a Rua Glete. É começo de ano e mais uma vez o grupo de pessoas que usam crack era coercitivamente deslocado de um canto para outro. Achamos estranho o comportamento do grupo em relação a um menino que tentava se aproximar do fluxo, mas todos agressivamente pareciam o repelir. Jogavam sapatos, garrafas e outras coisas em sua direção. Nos aproximamos dele para conversar um pouco e entender o que acontecia.

É visível que ele estava bastante sujo, e apesar de um pouco resistente aceita nos acompanhar até a tenda do Programa 'braços abertos' da prefeitura. Seu nome é Jony, e acompanhando-o até a tenda percebo que ele está mancando com uma perna, além disso, exala um cheiro forte. É realmente muito forte, beira o insuportável, e enquanto converso com ele tento sutilmente me deslocar para o lado oposto ao vento. Minha sutileza foi em vão. Ele percebe o movimento e me pergunta: Meu cheiro está muito forte né?

Eu, desconcertado e sincero respondo: Sim, está muito forte. O que está havendo?

Ele responde: É uma ferida que eu tenho aqui na perna. Neste momento levanta a calça e me mostra uma ferida grande, e surpreendentemente com bichos em sua carne! O cheiro forte era sua perna apodrecendo... Reforço a necessidade de irmos até a tenda para limparmos a ferida.

Na tenda, entregam para ele o 'kit limpeza' (sabão, toalha e escova de dente). Ele pede uma troca de roupa. A agente de saúde diz que deve ter alguma e pede para aguardarmos enquanto ela busca. Neste meio tempo, muitas pessoas se aproximam e começam a ofender Jony de diversas formas. O que marcou para mim foi 'pé de lixo'. Outras pessoas sarcasticamente me desafiavam: "Se você conseguir fazer esse aí tomar banho tiro meu chapéu. Você não vai conseguir". Jony responde e xinga-os de volta. Sinto-me em um fogo cruzado, informo os rapazes que estão me atrapalhando e peço que me deixem conversar sozinho com ele, enquanto ansiosamente esperava o retorno da agente de saúde. Ela demora. As ofensas continuam e Jony perde a

paciência. Joga tudo no chão, diz que não quer mais banho e sai andando rapidamente. Vamos atrás dele, tentamos convencê-lo a retornar. Tentamos em vão, ele irritado diz: “assim não dá, assim eu não aguento”!

Volto para casa refletindo... porque não depositar tempo e energia para cuidar de um ferimento tão grave? O que faria chegar a este ponto, praticamente já em decomposição? Fico pensando que quando Jony me mostrou a ferida ele disse com um tom aparentemente conformado: “é uma ferida que eu tenho aqui”. Disse como se ela fizesse parte dele, parecia já acostumado com ela. Não lhe parecia ser uma questão a resolver. O que seria prioridade então para Jony neste momento? Quais questões o preocupavam? O que de fato traria risco à sua existência que não sua própria perna em putrefação? (Diário de campo, janeiro de 2014).

O SOL QUE FAZ O FOGO QUE QUEIMA A PEDRA QUE SECA O HOMEM QUE ARDE NA RUA

Logo que chego pela Helvetia vejo Gilson dormindo. Ele está deitado em uma lona na beira da calçada da Rua Helvetia, bem na borda do fluxo próximo a guia, quase na rua. O sol está muito forte. Minutos depois Gilson está sentado. Ele ainda parece sonolento. Está sentado meio cambaleando com os olhos fechados, encostado em uma mulher enquanto ela parece fazer um tipo de massagem nele, encosta nele, parece ajudá-lo a equilibrar-se sentado (ver figura 5).

Pouco tempo depois ouço gritos altos e desesperados. Olho ao lado e Gilson está gritando alto pedindo socorro! Ele está todo molhado gritando, pulando, esfregando os olhos: “Ai meus olhos! Ahhh tá ardendo, meus olhos! Minha pele! Socorro!” Imediatamente vou até ali. A mulher que estava com ele se aproxima e diz, “eu joguei tiner nele! Achei que era água, tinha uma garrafa cheia ao lado dele, uma garrafa de 2 litros. Fui acordá-lo porque estava dormindo no sol. Joguei a garrafa toda nele e era tiner!”

Gilson grita: “ela quis me matar! Ahhhhh meus olhos! Tá ardendo, minha pele!” O horário é aproximadamente meio dia! Percebo-me atônito, sem saber o que fazer. `Cabelo`, outro usuário que muitas vezes está cozinhando chega com quatro galões de 20 litros de água e despeja rapidamente em cima de Gilson. Outra mulher começa a passar sabão também na pele de Gilson. Alguém trouxe a informação de que sabão neutralizaria o solvente.

Um verdadeiro caos se instala no meio da rua. Seu Ulysses, um senhor de 58 anos que conversava comigo fica atordoado. Ele grita: “temos que levá-lo ao hospital imediatamente, este tipo de coisa é gravíssimo, ele pode ficar cego!” Seu Ulysses vai em direção aos guardas da GCM⁶ que estão do outro lado da rua, exatamente na frente disso tudo, e começa a solicitar o auxílio dos guardas, alegando que isso é omissão de Socorro! O caos se intensifica, e os guardas iniciam um processo para conter Ulysses.

Penso que ficar no sol seria pior, e enquanto os guardas nada fazem para ajudar e seguem tentando conter seu Ulysses, sugiro carregarmos Gilson até a sombra de um muro do outro lado da rua. Agentes de saúde da prefeitura enfim se aproximam e trazem mais água. Gilson está mais calmo, sentado no chão, na sombra, menos ofegante e ainda esfregando os olhos extremamente vermelhos. “Meus olhos ainda ardem muito...”. Enfim, a gritaria diminui (ver figura 6).

Consigo me aproximar e sento ao lado de Gilson. Ouço-o um pouco e ele diz estar bem e não quer ir ao médico. Quer ficar ali mesmo. Consigo informá-lo da importância de ele ir ao médico passar por uma avaliação, tanto pelos olhos, pois existe um risco de agredir a visão, ou pelo risco caso tenha engolido thinner. Ele diz que realmente ingeriu um pouco e entende que a avaliação é importante. Decide me acompanhar ao médico. Eu e uma agente de saúde do programa Recomeço⁷ o ajudamos a andar até o SAE Campos Elíseos (Serviço de assistência especializada DST/HIV/Aids) na Al. Cleveland, a uma quadra dali. Ele está cambaleando, fraco, abalado e com a visão prejudicada. Neste trajeto me conta que não é a primeira vez que a moça tenta matá-lo. “Agora estou esperto, ela vai se ver comigo”. Sinto um tom de vingança e digo que entendo sua raiva, e que neste momento precisa se preocupar em se cuidar, atravessar este momento. Ele é acolhido no SAE

6 Guarda Civil Metropolitana.

7 Programa do Governo do Estado de SP para tratamento de pessoas que fazem uso de drogas.

e levado para a Unidade básica de saúde para avaliação. Fico pensando na ideia de vulnerabilidade e risco. Bastou se permitir descansar um pouco que no fechar dos olhos acordou nesta situação, fritando no sol em um banho de thinner. Tudo parece possível de acontecer no 'fluxo' da cracolândia.



Figura 5. O desespero de Gilson dormindo. Desenho Por Rafael Trabasso 'Dedos'.

Meses depois vejo Gilson com a perna quebrada. Foi atropelado por um carro enquanto andava de mobinete. Onde? No mesmo lugar, no cruzamento entre as ruas Cleveland e Helvetia.

Lembramos juntos do episódio do thinner: Gilson olha para mim e diz: “Caramba, aquele dia eu fui salvo né?” (Diário de campo, 11 de setembro de 2014).

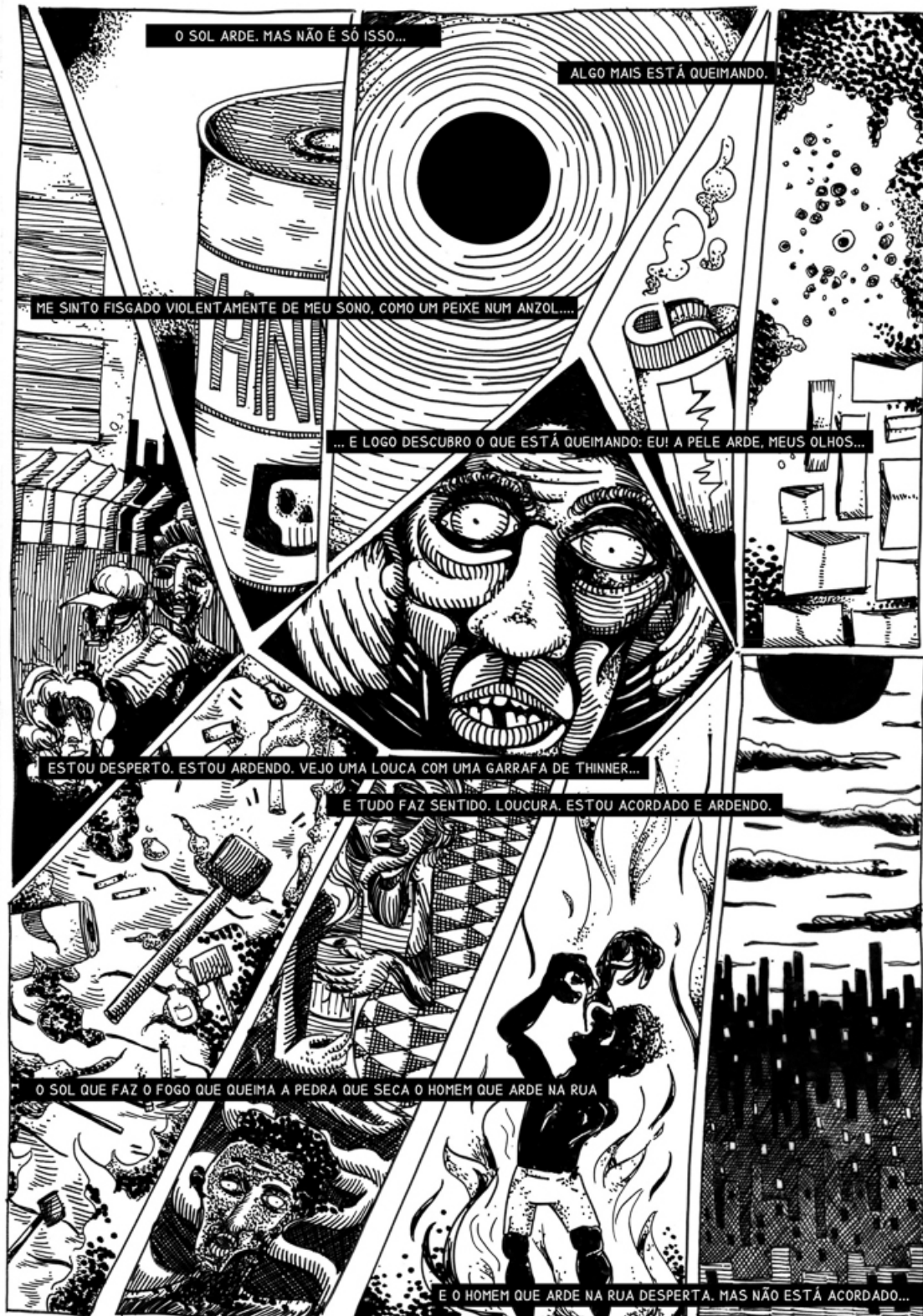


Figura 6. O desespero de Gilson acordado. Desenho Por Rafael Trabasso 'Dedos'.

RESISTÊNCIA: CUIDADO PARA NÃO CORTAR O GALHO EM QUE SE ESTÁ SENTADO

Tem certos dias / Em que eu penso em minha gente / E sinto assim / Todo o meu peito se apertar

Porque parece / Que acontece de repente / Como um desejo de eu viver / Sem me notar

Igual a tudo / Quando eu passo no subúrbio / Eu muito bem / Vindo de trem de algum lugar

E aí me dá / Como uma inveja dessa gente / Que vai em frente / Sem nem ter com quem contar

(Música gente humilde - Chico Buarque)

A chuva aperta bastante e voltamos para o bar na esquina da Cleveland com Helvetia. Muitas pessoas, inclusive pessoas do fluxo (que usam crack) entram no bar para se proteger. Uma chuva muito forte com vento insano. Acaba a energia elétrica e no escuro vejo que a chuva invade o interior do bar. Do lado de fora vejo um pássaro que voa na chuva se esforçando para não ser levado pelo vento. Com esforço ele pousa no galho de uma das poucas árvores do bulevar da Cleveland.

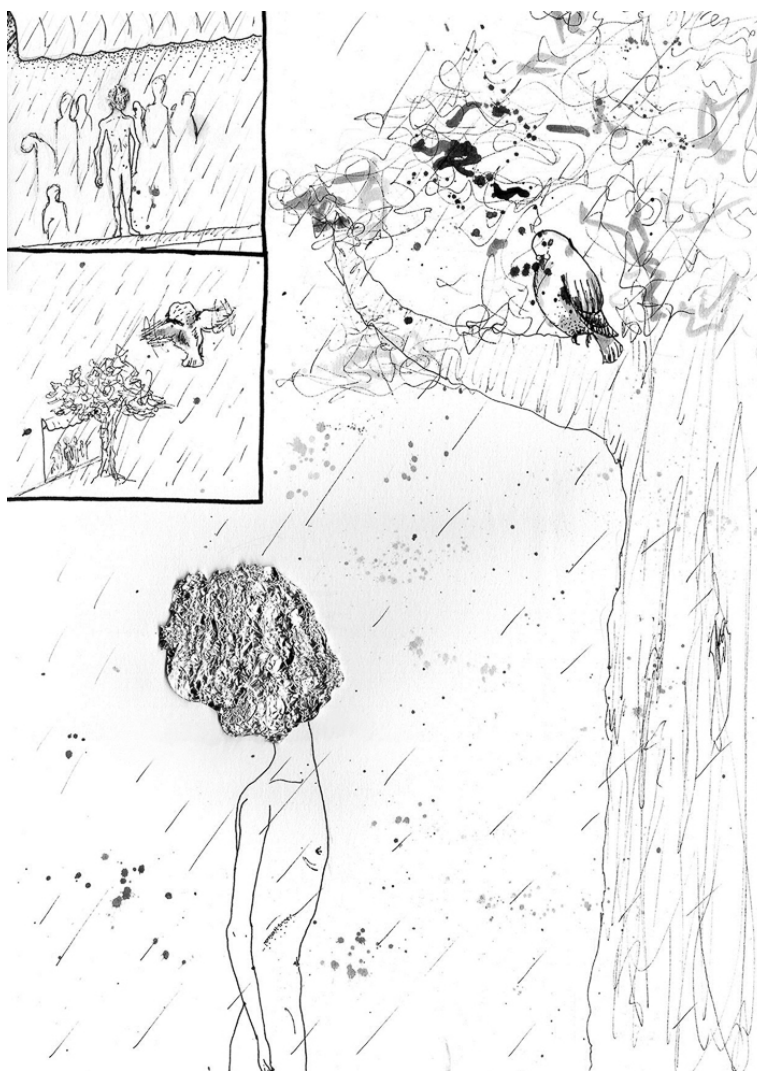


Figura 7. O encontro. Desenho por Vanessa Pens.

Ao meu lado, dentro do bar, um homem também se abriga da chuva. Negro, alto, magro e com os cabelos enrolados. Sei que já o vi por ali algumas vezes entre as pessoas que fazem uso, provavelmente também usa crack. Ele se aproxima de mim e inicia a conversa com um argumento curioso.

Comenta sobre a dificuldade dos pássaros em um tempo como esse, pois ficam molhados e sem ter para onde ir, sem ter um lugar para ficar. “Imagina! O mundo caindo em volta dele e ele fica ali, firme!” Acrescenta que os pássaros têm uma proteção nas penas que não deixam a água entrar até a pele, uma proteção natural. Mas com esse vento, ele diz: “devem estar todos molhados” (Diário de campo – 07 de junho de 2011).



Figura 8. O contato. Desenho por Vanessa Pens.

Terminamos com a cena do pássaro. Esta surge como uma metáfora interessante para ilustrar o modo de vida na cracolândia. A resistência e a resiliência, assim como no caso do pássaro, são histórias de vida que se misturam em situações de extrema vulnerabilidade. A existência cotidiana, como uma atitude política limite, em que a resistência se expressa por um saudável interesse em sobreviver.

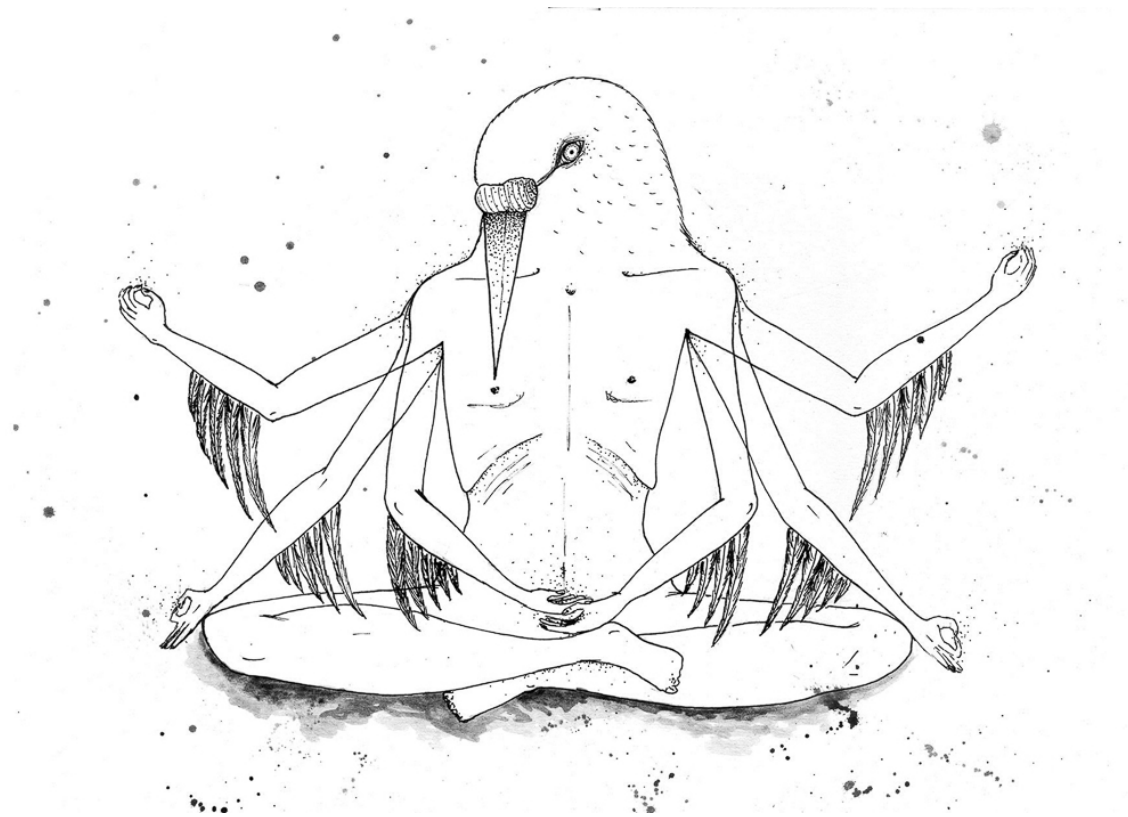


Figura 9. Resistência humana e espacial. Desenho por Vanessa Pens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Kuschnir, Karina. 2012. “Desenhando cidades”. *Sociologia & Antropologia*, 2(4), Pp. 295-314.
- Kuschnir, Karina. 2014. “Ensinando Antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa”. *Cadernos de Antropologia e Arte*, vol. 3, n. 2, pp. 23-46.
- Uriarte, Urpi. M. 2012. “O que é fazer etnografia para os antropólogos”. *Revista PontoUrbe*. Edição 11. Ano 6.

NARRATIVES AND IMAGES FROM “CRACOLÂNDIA”: WAYS OF BEING AND RESISTANCE ON THE STREETS

This essay presents narratives and images of the life of crack users in “Cracolândia”, São Paulo. It is composed of drawings by different illustrators, based on the author’s observations in the course of his fieldwork.

Keywords: environment, cracolândia, drug use, drawing

Recebido em: 2016-01-31

Aceitado em: 2016-07-19